

As questões da clínica contemporânea nos colocam frente a problemas cada vez mais complexos. Deparamo-nos freqüentemente com fenômenos psíquicos da ordem do irrepresentável, com as intensidades pulsionais na engrenagem da pura repetição, com a tenacidade impressionante dos sintomas, refratários ou mesmo imunes ao trabalho da elaboração simbólica. Falamos das anorexias, das toxicomanias, dos quadros psicossomáticos, dos pânico, dos casos “fronteiriços” que apelam de modo dramático à possibilidade de uma ajuda. Tais situações não permitem as abordagens do tratamento psicanalítico convencional. O ato clínico pede criatividade, inventividade e, por isso mesmo, cada vez mais rigor, capacidade de produzirmos teorias efetivas que dêem conta de tratar as novas formas do sofrimento humano. Por outro lado, em que medida esses paradigmas são novos? Não os encontramos também na qualidade de experiência subjetiva nos chamados quadros clássicos de neurose? Guardadas as diferenças e especificidades, o irrepresentável, o que não comporta o trabalho de ligação psíquica, acaso não figura no centro de qualquer atendimento clínico? Não foi esse justamente o contexto que levou Freud a conceber *Mais além do princípio de prazer*?

Quando se trata do encontro com as vicissitudes da pulsão de morte, o que está em questão, dentre muitas coisas, é a eficácia terapêutica da psicanálise. Não apenas a eficácia a ser problematizada em cada caso clínico singular, mas também a que diz respeito à própria existência continuada da instituição psicanalítica enquan-

Uma clínica para o que não tem cura

Resenha de Maria Cristina Ocariz, **O sintoma e a clínica psicanalítica. O curável e o que não tem cura**, São Paulo, Via Lettera, 2003, 208 p.

to prática social a ser interrogada em seus feitos e efeitos. Não é pouco o que está em jogo. Esta discussão ganha um novo panorama tendo em vista os progressos dos medicamentos psiquiátricos. As drogas químicas, cada vez mais elaboradas, determinam critérios diagnósticos, orientam tratamentos e procuram estabelecer os estados da alma humana a partir dos laboratórios. A clínica perde espaço. E, com ela a discussão ética acerca da experiência farmacológica desenfreada. Desse modo, a psicanálise é desafiada a responder pela velha questão da eficácia terapêutica nesse novo contexto social. E assim prosseguimos... velhas questões nas novas formas do adoecer humano.

Pois bem. É nesse quadro de preocupações que se coloca Maria Cristina Ocariz em seu livro *O sintoma e a clínica psicanalítica: o curável e o que não tem cura*. Partindo de uma longa experiência clínica e de uma pesquisa ampla e consistente da teoria psicanalítica, a autora pensa sobre os limites terapêuticos da psicanálise, as condições de eficácia do ato clínico, a direção da cura e o fim de análise. Busca, nas obras de Freud e Lacan, alguns dispositivos centrais na articulação do conceito de sintoma, abordando noções como a de inconsciente, sexualidade infantil, pulsões e seus destinos, conflito e defesa, recalque e sublimação. O objetivo do estudo é tomá-lo para o esclarecimento das pos-

sibilidades de transformação dos sintomas no contexto da prática clínica. Esse é o foco temático de toda a discussão do livro.

Ocariz reflete sobre determinados aspectos do sintoma que não se deixam abordar ou mover no decurso da análise. Nesse processo, haveria a chance de se promover deslocamentos e mesmo resoluções importantes na organização sintomática de um sujeito, porém restariam sempre, e de modo irresoluto, experiências subjetivas que, em maior ou menor grau, consistiriam num sintoma fundamental, definindo o que não tem cura no âmbito da análise. Estamos no centro da questão da eficácia terapêutica. O que não tem cura... diz necessariamente e sempre do fracasso da análise? Como entendemos “isso” de que algo da estrutura do sintoma não tem cura? Qual o lugar do incurável no fim da análise? E mais: o que não tem cura seria ponto de partida ou ponto de chegada a ser formulado no *a posteriori* da análise? O que não tem cura, enfim, pode produzir resultados distintos no que tange à economia pulsional de um sujeito? Ocariz nos mostra que essas indagações dependem, elas mesmas, da concepção que temos do ato clínico e do lugar do analista na sua condução.

A autora aborda o sintoma em suas múltiplas faces, como defesa que engessa e empobrece as capacidades criativas do sujeito e como organização irredutível dos modos de gozo, produto intrínseco à própria constituição da subjetividade humana. Essa idéia é cuidadosamente construída no livro, a partir dos referentes freudianos e lacanianos. Para ilustrar suas posições, Ocariz apresenta um fragmento de caso clínico, deixando entrever o seu estilo próprio de trabalho, o esforço constante de teorizar sobre os acontecimentos clínicos em resposta aos seus enigmas, mostrando-nos que uma clínica viva e instigante só se sustenta na produção permanente de uma metapsicologia que se lhe corresponda. Nesse percurso, estabelece algumas relações entre os conceitos de sublimação e sintoma, defendendo a idéia de que não há sublimação sem recalque.

Com o intuito de detalharmos, agora, os nossos comentários, podemos dividir o livro de Ocariz em duas partes, uma que se refere à pesquisa das idéias de Freud e Lacan, e outra que contém a tese da autora acerca do curável e do que não tem cura ao final da análise, tese que se assenta numa original discussão sobre o conceito de sublimação. Vamos ao primeiro grupo de comentários. Ocariz faz um levantamento minucioso dos elementos constituintes da noção de sintoma presentes na obra de Freud e Lacan, observando como os autores conduziram suas elaborações durante décadas de trabalho teórico-clínico. Nessa apresentação, te-

mos não apenas a reunião de uma série de conceitos, mas o movimento do pensamento de cada autor, o modo e os motivos pelos quais superavam certas idéias e propunham novos encaminhamentos. Tomando períodos extensos de duas grandes obras psicanalíticas, Ocariz opera com um vasto campo de questões sem, contudo, perder de vista o seu recorte temático. Tal estratégia consiste em manter um ponto firme – o sintoma – para onde convergem as diversas articulações teóricas.

O grande conhecimento da teoria psicanalítica e o engajamento com a tarefa da transmissão permitem, à autora, uma escrita simples e direta, conduzida com o tom espirituoso e a descontração que marcam o seu estilo. Entretanto, esse não é um livro propriamente para iniciantes, ainda que possa se constituir num bom roteiro de pesquisa. Ele não garante o esclarecimento passo a passo dos conceitos apresentados, não sendo esta, ao que parece, a sua meta. Assim, tanto melhor se o leitor tiver um trabalho prévio com a teoria e as questões da clínica psicanalítica. O mais interessante do livro é a escolha dos sucessivos ganchos ou nexos entre os conceitos mobilizados, o caminho da autora na apresentação de uma extensa rede teórica. A seqüência dos conceitos e a particular composição daí advinda acabam por construir uma determinada chave de leitura dos textos de Freud e Lacan. Assim é que um dos efeitos importantes do livro apenas se desenha na sua leitura bem adiantada. Os dois primeiros capítulos que tomam três quartos do livro se organizam em torno de itens breves e sucintos sobre diversas noções de Freud e Lacan. É no conjunto

maior desses itens/fragmentos que vemos a originalidade e a particular interpretação de Ocariz acerca das obras mencionadas. O livro requer, portanto, visão de conjunto, observação das posições e lugares tomados pelos conceitos conforme se encaixam.

Sobre as múltiplas referências a Freud, vale destacar o trabalho de Ocariz com os dispositivos instituintes da noção de sexualidade, apresentando os fundamentos da teoria da sedução e sua contínua transformação ao longo de muitos anos, num constante movimento de superação e retomada dos próprios paradigmas. Outra passagem marcante é a leitura da autora acerca do texto “Conferências introdutórias à psicanálise” (1917), onde vemos operar os dados do inventário de Freud sobre o que produzira até ali e, ao mesmo tempo, os paradoxos que o próprio autor formulava sobre os limites do seu pensamento. Nesse sentido, a síntese de Ocariz é original e primorosa. Com respeito ao que apresenta das idéias de Lacan, vale observar, por exemplo, o trabalho de garimpagem das articulações conceituais desse autor, que deram ensejo à chamada clínica do real. Em muitos escritos psicanalíticos atuais vemos indicada a necessidade de um maior processamento desse tema. Além disso, Ocariz apresenta com clareza algumas idéias lacanianas acerca do fim de análise, dando especial relevo à diferença entre o sintoma a ser constituído e decifrado no início da análise e o *sinthoma* do fim de análise, que consiste num saber-fazer com o que é irreduzível na organização fantasmática do sujeito.

Outro resultado interessante a ser mencionado é o modo singular com que a autora dispõe, lado a lado, Freud e Lacan. Na apresentação do livro, Miriam Chnaiderman observa que Ocariz propõe um retorno a Lacan a partir de Freud. Podemos contemplar também

um outro efeito da escrita de Ocariz. Nela vemos, em alguma medida, e na medida do possível, Freud e Lacan depurados um do outro. E exatamente por isso a autora os coloca na possibilidade de um diálogo efetivo. Identificando com relativa clareza a fronteira do *corpus* teórico freudiano, distinguindo-o dos referentes lacanianos, a autora dá maior evidência às questões e paradoxos do primeiro, aos quais vem se pronunciar o segundo. E vice-versa, como aponta Chnaiderman. Ambos os autores se lêem justamente porque discriminados, situados num contexto demarcado por suas singularidades, e portanto diferenças.

Vamos agora ao segundo lance dos nossos comentários. Aqui, privilegiaremos o discurso direto da autora para apresentar a hipótese que ela formula acerca da sublimação, a partir de referentes freudianos e especialmente das considerações de Lacan sobre o *sinthoma*. Em suas palavras, “... hipótese que eu levantei quando muito jovem, estudando a obra freudiana sobre Leonardo da Vinci: a sublimação é mais um mecanismo de defesa que está a serviço da formação de sintomas. Nesse sentido, a obra de arte também é um sintoma. Portanto, não existe sublimação sem recalque.” (p. 177) A autora propõe tomarmos o conceito de sublimação não apenas em sua dimensão de sublime ou do ideal. Observa, aliás, que o fato de esse conceito lidar em primeiro plano com a questão dos ideais e dos valores sociais torna-o especialmente alvo de posições ideológicas e morais, o que teria sucedido, em primeiro lugar, nas considerações de Freud. Isso se agravou na ausência de uma conceituação metapsicológica consistente, de modo que a noção de sublimação estaria carregada de uma forte idealização,

dando margem a posições complicadas.

A crítica de Ocariz refere-se a expressões ligadas à sublimação como “um dom que algumas pessoas têm por si mesmas, uma maneira de argumentar psicanaliticamente sobre a genialidade de alguns poucos.” (p. 191) A autora se pergunta por que certos psicanalistas não consideram, por exemplo, “... as atividades cotidianas, profissionais, esportivas e de lazer...” (p. 176) como sublimações, reservando o termo para os casos de obras de arte ou outros feitos culturais de grande valor e reconhecimento. Desse modo, o conceito de sublimação teria, muitas vezes, um emprego elitista.

Mas não seria apenas por essa razão que teríamos problemas com o conceito de sublimação. Afinal, o contexto ideológico de uma época está sempre presente, e não afeta apenas este ou aquele conceito de um *corpus* teórico. O que a autora nos aponta é o flagrante efeito de tal contexto na expressão de um determinado conceito. Cabe-nos decidir trabalhar abertamente ou não com as condições históricas em que se constitui uma ciência, pois elas se apresentam de modo inevitável. Junto com essa discussão, a autora analisa outros referentes implicados na sublimação, levando os conceitos freudianos a um trabalho intenso, operando com eles no máximo de suas capacidades. Ocariz nos mostra que o conceito de sublimação exige a metapsicologia freudiana nos seus limites. Assim, como pensar um destino para a pulsão que não mobilize, em algum nível, uma defesa contra a pulsão? Qualquer que seja o destino da pulsão em jogo, con-

siderando-se especialmente os casos do recalque e da sublimação, é certo que a satisfação integral da pulsão não tem lugar. Ocariz conclui: "Então, os destinos da pulsão são modalidades de defesa e, por outro lado, formas de satisfação. Como o sintoma, a sublimação amalgama em si a satisfação da pulsão e a defesa." (p. 183)

Para desenvolver sua hipótese, a autora realiza uma leitura crítica da idéia lacaniana de que a sublimação eleva o objeto à dignidade da Coisa. Como se sabe, *Das Ding* ou a Coisa não se presta ao registro da representação psíquica, é algo do irrepresentável que, no entanto, marca sua presença na constituição da subjetividade. A Coisa seria um vazio, um furo, que nenhum objeto da pulsão pode preencher, mas que todos os objetos da pulsão viriam tentar recobrir. "... os objetos imaginários tentam colonizar o campo vazio da Coisa... O objeto não é a Coisa, embora a Coisa seja o que está no coração na economia libidinal." (p. 189) Freud diria: encontrar o objeto é sempre reencontrá-lo... embora nunca se o encontre, embora nunca se o tenha tido. Esclarecendo a máxima lacaniana, Ocariz afirma: "Elevar um objeto à dignidade da Coisa é pegar o objeto imaginário, não meramente em sua função de véu [o que estaria presente no processo do recalque], mas convertê-lo em objeto real, em resto real no simbólico. Pela sublimação, à diferença do recalque, esse objeto imaginário converte-se em objeto real. Isso é elevar um objeto à dignidade da Coisa... O que o artista faz é moldar seu objeto à imagem da Coisa, só que a Coisa não se oferece como imagem, mas como um vazio." (p. 189-190)

O recalque trabalha a partir das fixações e das repetições, enquanto a sublimação constitui

fundamentalmente uma criação, invenção, produção do novo, do inusitado, justamente porque opera com a pulsão fora do registro das fixações. Esses seriam alguns argumentos de Lacan na diferenciação entre recalque e sublimação, conforme especialmente claros no *Seminário 7*. Entretanto, neste ponto Ocariz dá o seu salto. Entende que a definição do conceito de sublimação permanece vaga, nebulosa, dispondo-o numa categoria de processo humano especial, um dom de poucos, um artifício para explicar a arte e as obras culturais mais elevadas, distanciando-as das produções cotidianas.

Recorrendo a outros conceitos elaborados por Lacan, a autora considera que o sintoma não é apenas um retorno do recalcado, mas também "...o modo que cada um tem de gozar de seu inconsciente." (p. 191) A última etapa da obra de Lacan, estabelecendo o que se conhece como clínica do real, coloca novos paradigmas para pensarmos o conceito de sintoma, visto agora também em seu aspecto possível de invenção, criação. É o que temos no *sint(h)oma*, esvaziado de significações, referido a um outro "estatuto do significante", conforme o trabalho da análise, enfim, remetido diretamente à sua função de limite ao real, no "lugar onde a fantasia descobre seu limite, sua condição de ficção fundamental... O sintoma ficará em silêncio: ciframento e gozo. Já não será o sintoma patológico. O real não é o oposto do significante, mas esse vazio que inaugura o encontro material da linguagem com o real e cujo limite, como criação, é o sintoma." (p. 192)

Parodiando Lacan, podemos dizer que Ocariz eleva a sublimação à dignidade do *sint(h)oma*. Dessa forma, o sintoma, forjado sempre nas malhas do recalque, seria isomorfo à pulsão. Qualquer que seja o destino da pulsão, ele põe em jogo a formação de sintoma, e assim reencontramos o recal-

que na sublimação. Mas há diferenças importantes entre as diversas formações sintomáticas. De qualquer modo, a autora propõe considerarmos tais diferenças no contraste entre sintoma patológico e sintoma sublimação, e não na oposição entre recalque e sublimação.

Bem, ler um livro é promover o seu diálogo com outros livros e experiências. Nesse sentido, cada leitor se constitui num ponto de encontro, e daí se pode formar um ponto de vista, lugar de alteridade. Gostaria de promover a conversa entre Ocariz e outro psicanalista, Marco Antonio Coutinho Jorge, que também coteja Freud e Lacan, e que sustenta diferentes posições acerca da sublimação. O interesse desse encontro é ressituar a polêmica em torno do conceito de sublimação e trabalhar com ela.

Jorge entende o conceito de sublimação como uma peça chave na teoria psicanalítica, um postulado necessário e lógico da teoria das pulsões. O autor afirma que o recalque e a sublimação constituiriam processos diferentes. "Eles representam as duas formas mais importantes e inteiramente diversas de evitamento da realização sexual direta da satisfação pulsional... O recalque lida com a satisfação sexual no nível do proibido, ao passo que, no caso da sublimação, o sujeito abandona a referência à satisfação sexual direta e lida com ela em sua dimensão de *impossível*. Assim, o impossível da satisfação, em jogo na pulsão, encontra na sublimação sua possibilidade de manifestação plena..."¹ Ao operar na dimensão do impossível da satisfação, a sublimação resultaria em transformação, criação, advento do novo, diferentemente do recalque, que toma como proibido o que é, na

realidade, o impossível da satisfação sexual.

Que o contraste entre as posições de Ocariz e Jorge fale por si mesmo, no ponto de vista de cada leitor. Esse pode ser um recurso para mantermos inconcluso o trabalho com o conceito de sublimação, operando com ele numa condição teórica de paradoxo.

Gostaríamos de terminar com uma citação, dedicada ao trabalho e ao sotaque de Ocariz, uma citação de Colette Soler, extraída de seu livro "El sintoma en la civilización": "Lo real, que funda al síntoma de cada uno, es aquello que a cada uno le vuelve imposible marchar por las vías comunes. El síntoma es lo más particular que cada uno tiene y, por otra parte, lo más real. El síntoma es precisamente lo que hace que cada uno en algo no logre hacer absolutamente lo que le está prescrito por el discurso de su tiempo. Cada uno, por supuesto, recibe las prescripciones del discurso por vías particulares. Esto pasa en primer lugar por la familia generalmente, por padre y madre, luego por toda la educación... Todas esas voces que nos dicen en el fondo lo que hay que consumir para ser un sujeto acorde a los tiempos... y bien, ocurre que en cada uno hay un punto en donde a eso se resiste."²

NOTAS

1. J. M. A. Coutinho, "Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan", vol. 1, in *As bases conceituais*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000, p.154.
2. C. Soler, "El sintoma en la civilización", in *Diversidad del sintoma*, Buenos Aires, EOL, 1996.

Mara Caffé é psicanalista, doutora pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, onde é professora nos cursos "Psicanálise – teoria e clínica" e "Clínica psicanalítica: conflito e sintoma".